

BRASIL, PORTUGAL, CABO VERDE E A TRANSCULTURAÇÃO NA DÉCADA DE 30.

Sônia Maria Funk
Universidade de São Paulo
Pós-Graduação/Mestrado

Área: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa

“Tudo o que lhe revele qualquer coisa do mundo é obra que fica, pouco lhe importando o local ou a qualidade das criaturas evocadas, desde que a evocação seja autêntica e comova. Assim, tudo que sai do povo é vivo e palpitante e carrega a seiva que vem das entranhas da terra e do povo.”
José Lins do Rego

Ao falarmos em transculturação nas literaturas de língua portuguesa, estamos voltando cinco séculos, quando se deu início as Grandes Navegações Portuguesas, que envolveriam o continente africano e o Brasil.

A busca de novas terras, a conquista de povos desconhecidos levaram para Portugal, sem que tivesse consciência disso, o processo da transculturação, que foi desenvolvido ao longo desse tempo das mais diversas formas, através da colonização.

O maior questionamento quanto à transculturação foi a questão da identidade, discutida por Portugal pela sua situação em relação aos outros países da Europa, e buscada pelo Brasil e pelos países africanos, pois aos olhos dos europeus (portugueses) não eram nada mais do que fornecedores de “matéria-prima”.

A busca da identidade brasileira começa a partir do início do século XVII com Gregório de Matos, fortificando-se no século XIX com os escritores românticos e realistas, mas afirmando-se a partir do século XX, em 1922, com a Semana de Arte Moderna e a seguir em 1930 com os movimentos “Centro Regionalista e o Congresso Regionalista do Nordeste” onde escritores com inspiração em Gilberto Freire definem uma posição bastante independente e, principalmente, anti-europeizante.

A África, Cabo Verde especificamente, começa a busca de sua identidade no século XX, e mais precisamente na década de 30, espelhando-se no movimento regionalista brasileiro e em seus escritores.

Sentimos a partir daí uma aproximação das literaturas de língua portuguesa em busca de articulações entre ideologia e cultura. Percebemos um engajamento real e verdadeiramente dialético por parte dos escritores para compreender a heterogeneidade dessas literaturas.

A identidade cultural desses países, colonizador e colonizados, surge através da conquista de uma autodeterminação e efetiva-se dentro das questões de subdesenvolvimento e necessidade de modernização: Portugal em relação à parte da Europa; Brasil e Cabo Verde em relação a toda Europa e América. Um dos principais aspectos foi a busca de uma linguagem literária que materializasse novos padrões lingüísticos, afastando-se do registro culto e associando-se à fala popular. Esse processo fica bem claro paralelamente ao processo da transculturação entre os países envolvidos, pois estavam passando por transformações que eram obrigatórias devido à crise econômica mundial, em consequência da II Guerra, surgindo choques ideológicos que levam uma corrente de escritores desses países a se preocuparem com a formação de uma literatura nacional com ênfase no social sem deixar de lado o trabalho artístico.

- Brasil, Portugal, Cabo Verde e a transculturação.

A década de 30 foi muito importante para a literatura luso-afro-brasileira, pois convergem-se a um mesmo ponto: a forte característica do Modernismo – o Neo-Realismo- onde o trabalho dos autores é criar algumas estratégias que apontem para uma realidade textual que começa a ser desenvolvida.

Para representar Portugal, podemos citar Ferreira de Castro com “A Selva” que tem como temática da obra a emigração fazendo parte da expansão cultural portuguesa, atividade que se repete com o Neo-Realismo, antes colonizadora, agora emigrante demonstrando a injustiça

social vivenciada – a escravidão moderna, seres humanos aguilhoados à floresta, o drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza. ¹“*O caboclo via-os chegar, tão infelizes e desprotegidos, como diligentes e cobiçosos; via-s com indiferença; ocuparem a terra dele, com se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo. Mas o tempo decorria e os que, de começo espalhavam energias acabavam mostrando depauperamentos; os que haviam trazido expressão de futuros vencedores arrastavam-se depois como vencidos; e por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. A selva não perdoava a quem pretendia abrir os seus arqueanos e somente esse homem bronzado, de cabelo liso e negro, que nascera já renunciando a tudo e se comprazia numa existência letárgica, junto de copiosas riquezas, encontrava nela vida fácil.*”

No Brasil, podemos citar José Lins do Rego representante do movimento regionalista que foi e ainda é assunto de muitos críticos, cronistas e ensaístas literários.

Esse movimento, segundo Aderaldo Castelo em seu livro “*José Lins do Rego:*

Modernismo e Regionalismo”, aspira por uma reorganização do Brasil, onde cada brasileiro deveria despir-se da roupagem européia e estar voltado para o seu meio sem complexos coloniais, penetrando nossa realidade, visando sempre uma “articulação inter-regional” para melhor compreensão dos problemas e definição de nossa unidade nacional. Vem daí o ponto de vista político, onde a ação dos brasileiros deve ser inter-regionalista e não estadualista. Claro que sem dúvida esse critério é o que deve presidir os estudos da cultura brasileira, principalmente a literatura que pode mostrar a natureza do homem, a paisagem do local onde vive, buscando assim através de um protesto soluções para os problemas sociais e econômicos .

Sabemos que isso é possível, pois os escritores da década de 30 participantes do movimento regionalista reabilitaram problemas, valores, tradições do Nordeste, acabando com o

¹ CASTRO, Ferreira de. *A selva*. Edição brasileira., São Paulo, Editora Verbo, 1972. p.159.

indiferentismo daqueles que estavam voltados para as imitações estrangeiras e desfiguradoras da realidade, pois o Nordeste foi, e é uma das regiões de maiores problemas socioeconômicos do país.

José Lins mostra isso claramente em seus romances que tratam do “ciclo da cana-de-açúcar”: “Menino de engenho” (1932); “Doidinho” (1933); “Bangüê” (1934), entre outros.

“Menino de engenho” mostra uma riqueza muito grande de informações sociais, principalmente em relação aos contatos do menino da casa grande com os moleques da bagaceira, um romance que exige uma análise psico-social no processo de uma reconstituição vivencial das experiências da infância, que juntamente ao engenho são presenças vivas da realidade, fazendo-nos revivê-las cheias de riquezas e tradições, deixando marcas regionais, que se tornaram nacionais, principalmente pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste em todos os aspectos sociais e de valores humanos.

Vejamos alguns trechos do livro que mostram claramente esses aspectos:

- A linguagem: ² ...” – *É mentira daquela bicha severgonha. Ela botou pra cima de mim... Vou pra cadeia crio bicho na peia...*”
- A tragédia da chuva: ³ ... “*A cheia destruiu mais... O Joça perdeu a semente de cana. Caíram ruas e casas. Há muita miséria, muita fome...*”
- As crenças: ⁴ ... “*Na mata de Lolo estava aparecendo lobisomem... As notícias do bicho, chegavam com todos os detalhes. ...Os zumbis também existiam no engenho...*”
- O engenho: ⁵ ... *O Santa Fé ficava encravado no engenho do meu avô. As terras andavam léguas e léguas de norte a sul. O velho José Paulino tinha este gosto: o de perder de vista nos seus domínios...*”“.

² REGO, José Lins. *Menino de engenho*. 71 ed., Rio de Janeiro, José Olímpio, 1997. p. 30.

³ 3 Idem. p.22

⁴ Idem. p. 32

⁵ Idem.p. 51

Também começa a surgir em Cabo Verde um movimento que levaria seus escritores a um desapego à literatura européia, marcando o início de uma literatura moderna com o surgimento da consciência da autenticidade da cultura nacional “a caboverdianidade”, denunciando os problemas específicos do arquipélago como a fome, a seca, a imigração, a pobreza, a nostalgia do exílio, a nacionalidade insulada. Esse movimento instaura-se a partir da revista “Claridade”, cujo primeiro número, lançado em 1936, marca a primeira atividade intelectual do país. A revista pretendia afastar-se dos cânones portugueses e tornar-se uma autêntica expressão do povo caboverdiano, ou seja, pretendia “caboverdianizar” a literatura em um processo semelhante ao que passou a acontecer no Brasil através da Semana de Arte Moderna e o Congresso Regionalista.

A partir de então os autores caboverdianos começam a ter contato com os autores brasileiros lendo poetas modernistas como Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, e os romances regionalistas de Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, espelhando-se neles pela semelhança espacial e pelas afinidades sociais, políticas e econômicas.

Podemos perceber claramente esses aspectos em “Chiquinho” de Baltasar Lopes:

...⁶“Pela cara que levava o ano seria de fome. Eu devia andar pelos meus catorze anos e não me lembrava de ver tanta miséria estampada na cara de todo mundo. Sempre havia falta. Passado o mês de Fevereiro, era niclitar conforme fosse possível. Os leios de milho e os balaies de feijão quase nunca botavam fora o tempo seco. A criatura tinha de apertar o cordel na cintura e arranjar coragem para encarar o tempo, muito feliz se pudesse ter uma reserva para os meses das águas, enquanto a favinha inglesa não pintava...”

Ao analisarmos as obras, poderemos ver que o processo da transculturação fica bem claro, através do aspecto verossímil com a História, as relações inter-regionais, o problema social, a

⁶ LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. 4 ed., Lisboa, Prelo, 1974. p. 107

fome, a seca, o existencialismo construído através das experiências de vida, a luta contra a discriminação e a necessidade principal buscada nesse período que é a identidade.

Para concluir, podemos falar que a consolidação nacional efetivada nesses países, na década de 30, principalmente com a literatura, trouxe a transculturação, que levada através dos romances reconhecidos como um produto de subjetividade, individualidade e sociabilidade, descreve, seleciona, refaz a realidade, tentando desvendar o enigma no devir das coisas, pessoas e idéias que desafiam a vida.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Edição Brasileira, São Paulo: Editora Verbo, 1972.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. 4 ed., Lisboa: Prelo, 1974.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 71 ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*. 5ed., São Paulo: Ed.Cortez, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.